



## Cartas e mentiras

Bruno Giovannetti  
(USP)

**RESUMO:** Por meio de cartas ou outros documentos originais, coletados pelo autor, pretende-se evidenciar a condição lingüística, econômica e sociocultural de muitos imigrantes italianos no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** imigração italiana; língua italiana; dialeto; contato lingüístico; erosão da língua materna.

Anotações em álbuns de família, postais, rascunhos de artesãos, poemas de infância, fotografias, lembretes de compromissos, registro de viagens, notas escritas a mão em velhos livros compõem o acervo que estamos paulatinamente formando e que conta com a contribuição de fontes heterogêneas – do velho padre italiano ao funcionário do extinto CIME (órgão de apoio aos imigrantes), ao simples cidadão que disponibiliza o original ou a cópia do material epistolar deixado por seus pais ou avós. Uma contribuição que desejamos incentivar e que fornece nuances ou diretrizes.

Um senhor na faixa dos 80 anos se apresenta: “Sei que vocês estão colecionando cartas de imigrantes, trouxe-lhe uma. Você não imagina o valor destas cartas, cartas que atravessavam o Atlântico, levavam um mês para chegar, subiam a montanha até a pequena aldeia e lá, num domingo, na saída da igreja, o padre – diante de uma mãe que não sabia ler – lia, ou melhor, interpretava, a carta recebida. Momentos de apreensão porque lá podia estar de tudo, alegrias, morte, ou simples demonstrações de afeto. Quem escrevia – e o fazia com uma certa freqüência – era um primo nosso, primo de tanta gente visto que aquela era a realidade na aldeia pequena. Nós, na praça da igreja, ficávamos com as orelhas em pé procurando saber alguma coisa, visualizar este Brasil, imaginar um mundo novo de cores e oportunidades. Este meu primo escrevia de São Paulo e entrava em detalhes. Falava que tinha um bom emprego, uma casa, que a rua onde morava era calçada, que tinha até um cinema em frente de casa. Nós, na praça, ficávamos agitados. Eu tinha 18 anos e em volta, além dos muros da igreja, só via os resquícios da guerra, a fome, a falta de opções imediatas e futuras. Não deu outra: ao chegar mais uma carta a

decisão foi tomada: fazer uma baita surpresa ao primo. Juntei dinheiro, pedi as economias aos parentes, “comprei” a tia com a desculpa de buscar notícias e levar presentes... Parti. E, quando cheguei, a tragédia: meu primo não tinha um bom emprego, não tinha uma casa, a rua não era calçada e não tinha cinema algum do outro lado da rua. Com as malas ainda no chão brigamos de murros, rolamos na terra batida. A um certo ponto consegui bloqueá-lo contra a parede e aí .... meu primo abriu os braços e disse: ...che c... dovevo dire a mia madre....?’ Parei de empurrá-lo contra a muro, o coloquei no chão...”

Este senhor terminou com certa ênfase a reevocação e eu fiquei a olhá-lo. Após alguns segundos consegui perguntar: “E o que o senhor fez? Confirmou esta história?” “Não só mantive esta versão” disse-me ele. “Mas outras três pessoas vieram da Itália.”

Este episódio evidencia muita coisa, sintetiza, na Europa, o cansaço e a impossibilidade de ver opções plausíveis logo após a Segunda Guerra Mundial, sintetiza o sonho de uma terra promissora, “um mundo novo de cores e possibilidades” e, mais do que tudo, evidencia um certo hábito e a força de mentiras piedosas. Difícil o caminho do emigrante. No ato de sair do próprio país, da própria cidade, ele assina um contrato não escrito – vai “fazer a América” – que o obriga, amanhã, a ser, ou dizer que é, tão bem ou mais bem sucedido daqueles que não se deram ao trabalho de sair do lugar de origem. São bastante usuais as viagens de retorno de imigrantes que torraram economias no altar da coreografia ou, então, são significativas as mansões construídas – e algumas vezes nem usadas – nas cidades ou aldeias de procedência. Claro, neste último caso, as razões podem ser mais complexas, mas entre elas sobressai o desejo humano de atestar que o protagonista esteve à altura do sonho. Quebrar este esquema é doloroso e deixa seqüelas psicológicas e sociais, frustrações que se cristalizam no tempo, inviabilizam viagens, atenuam relações. Se é difícil este caminho das pedras, fica mais difícil, quando não intolerável, dividi-lo com outros, principalmente com um pai, uma mãe, parentes próximos. Por um cuidado recíproco, poupa-se a família de um estigma que, na época, podia ter o seu peso. As mentiras piedosas ajudaram, na maioria das vezes, a perpetuar expectativas e estereótipos: a escolha foi certa, o sol brilha o ano todo, trabalho e determinação garantem o sucesso. Quem chega na esteira destas imagens é levado a reciclar a informação corrente ou algo está errado, e talvez o errado da história seja quem escreve o contrário, incapaz de fato ou “sfígado” (o que às vezes é pior): renegado pela sorte.

No acervo que a Universidade de São Paulo está formando, encontram-se, além das cartas, anotações, documentos, solicitações burocráticas. Uma lista de mudança (“baulle piccolo di ordegni, medio e grande”) que acompanhava o pedido de isenção dos impostos de alfândega, pleiteado por um imigrante de retorno, constitui um exemplo significativo da utilização de uma língua que não é nem português, nem dialeto, nem italiano. Se o modo de se expressar –

além do mais por escrito, o que presupõe uma redobrada atenção – constitui um exemplo marcante, os objetos que ele enumera nesta lista dão uma radiografia da sua realidade. Podemos tentar imaginar a sua casa e a sua vida. Talvez o seu trabalho, através da *chiave di boca n. 36, arco di sega, maquina di bucare Blak e Deker e grampi di falegname*. Talvez aquela *faccia di Cristo di gesso* esteja voltando para a Itália pela segunda vez. Os estereótipos quebram-se em mil pedaços: a cada Matarazzo, Crespi, Martinelli contrapõe-se uma legião de imigrantes que se perderam no caminho. Pior ainda: não acompanharam o desenvolvimento econômico, social, lingüístico de seu país de origem. Voltam sem ter acompanhado a afirmação do italiano standard através da vivencia cotidiana, televisão, cinema, relações de trabalho e sem dominar mais o dialeto de sua aldeia ou cidade (que, nesse espaço de tempo, modificou-se por força do seu próprio dinamismo e pela italianização ocorrida). O retorno pode representar então um segundo choque, uma adaptação complicada em todos os níveis, que envolve todos os membros da família (alguns dos quais nascidos ou formados no Brasil e que não encontrarão na Itália as referências que lhe foram transmitidas). Frustração, quebra de brio e pique, e talvez uma certa animosidade contra o destino de implicações mais amplas.

Tivemos a ocasião de publicar, no livro *Racconti dal Brasile*, sob forma de conto, esta lista de mudança:

### Relazione Del Baulle Piccolo Di Ordegni

- 1 maquina di bucare di marca Blak Deker (piccola)
- 1 chiave di luce
- 2 pietre di smeriglio
- 1 engrasciadera piccola
- 10 fuzibili
- 2 fontane elettriche
- 4 spot di luce
- 1 nivelatore
- 1 ferro elettrico a vapore
- 1 pacco con ganci di coltrine
- 1 ferro di soldare
- 3 estenzioni di filo
- 1 morsa
- 10 caciaviti di varie misure
- 5 giraviti philps
- 2 scarpelli piccoli

8 giraviti di boca  
10 chiavi ficse  
17 chiave di boca misure differenti  
1 fontana  
1 fechadura  
2 ducce elettriche  
2 resistenze  
1 cordone di luce  
1 pinza ford  
2 pinze di becco  
1 trasformatore piccolo 220v.  
2 lime  
1 chiave di boca n° 36 con braccio di forza  
1 arco di sega  
4 grampi di falegname n° 3  
1 engrasciadera  
1 scatola di luce generale piccola  
2 martelli di falegname  
4 reatori di luce  
1 grampeadore di tapecero con 3 scatolette di grampi  
3 pinze universali  
1 triangulo di machina  
2 giraviti grandi  
1 kilo di eletrodi di soldare  
2 martelloni  
1 radio di automobile  
1 gioco di amperimetro e voltmetro  
1 aparecchio di testare motori  
1 amperimetro  
1 piccolo carregatore di bateria

## Relazione Del Baulle Grande

1 ombrello  
1 riga grande  
1 squadro di disegno

2 vasiglie di plastico grandi  
1 tovaglio di feltro verde  
1 varri libri e quaderni  
1 bambola  
1 pantalone di veluto  
1 borza di vime  
2 porta robba sono nella borza di vime  
1 paio di botte  
1 toca termica di capelli  
1 arco di sega  
1 maquina di bucare di marca Boch  
1 spot di metallo  
1 pentona di pressione  
2 stenzioni di filo  
10 tovaglioli tipo sciugamani  
5 gomitoli di lana grandi e 5 piccoli  
2 forme di forno e 1 dischio di giocattolo  
1 specchio retondo  
varri vestiti e bluse  
9 pantaloni  
01 capascio di pianta (di vime)  
4 piatti di muro  
1 quadro di gesso della cena di Cristo  
1 orologio digitale piccolo  
1 ribetatore  
1 chiave inglese n° 12  
1 pinza di pressione  
1 pinza universale  
1 motore di smeriglio  
6 trigli di coltrine  
varri paia di tenis e scarpe  
1 maquina da cucire portatile Singer  
1 gira dischi  
6 coperte e varie sandole di melissa  
1 lampada infra vermelha con appoggio  
1 transformatore 220v.

- 1 inbuto
- 1 grampiatore
- 1 oca di giocattolo di plastico duro
- 2 paia di raquette
- 2 orloggi di muro
- 1 scatola di massa per pulire
- 1 faccia di Cristo di gesso
- 1 liquidificatore e 3 bichieri di plastico di liquidificatore
- 1 ventilatore Britania
- 1 tappeto di muro desegnato la cena di Cristo
- 1 secca capelli piccolo
- 3 plastichi retondi grandi di salata
- 3 spot piccoli
- 5 giochi di coltelli con 5 coltelli ogni uno
- 1 albero di natale con i suoi pendoli

### Relazione Del Baulle Medio

- 2 ombrelli
- 2 bambole
- 1 radio orologio CCE
- 1 varietà di ciabatte, scarpe, tennis, short, pantaloni, gonne, vestiti
- varri libri di culinaria, tecnici e scolari
- 36 dischi
- 1 varri lenzuola, tovaglie da bagno, di faccia, tovaglie di tavola con i tovagioni, cuscigniere, copri letto
- 1 piccolo reservatorio
- 2 cazzeruole di pressione
- 6 coperte
- 2 cuscuzere
- 1 registratore portatile
- 1 radietto di tasca
- 1 tocca nastro
- 3 scatole acustiche piccole
- 1 radio portatile di marca Sanyo
- 1 estereo 3 in 1 CCE 160 SS (modello)

A língua, sua corruptela, suas mutações constituem importantes elementos de análise que podem ser observados sob diferentes filtros de estudo. Sabemos que o emigrante cristaliza os seus conhecimentos – hábitos, modos de expressão, etc – que acabam se tornando legados de uma realidade em mutação no país de origem. Compreende-se a manutenção de formas de dialeto em determinadas áreas no sul do Brasil onde um certo isolamento e uma uniformidade de proveniência asseguraram uma tramitação que, às vezes, parece asséptica, através de gerações. Diferente é o caso dos italianos nas grandes cidades. Em São Paulo, nos mesmos bairros conviviam italianos vindos das mais diferentes áreas geográficas da península – vênéticos, calabreses, piemonteses, sicilianos, etc – que tinham o português como língua comum. Sua fala originária acabou interagindo com outros dialetos, com português, com o italiano oficial, modificando o próprio modo de se expressar. Nasceram pérolas, marcantes aos ouvidos de alguém externo à comunidade, tão bem evidenciadas pela personagem Juò Bananere ou nos contos de Alcântara Machado, *Brás, Bexiga e Barra Funda e Laranja da China*, de 1927. Estes italianos de várias proveniências dividiam o espaço – bairro da Móoca, Bom Retiro, Brás, etc – com outras comunidades – africanos, judeus, espanhóis, etc – fazendo da cidade um grande laboratório lingüístico. Nos anos vinte e trinta do século passado, esta “babel” era uma característica de São Paulo, como atestam livros, jornais e depoimentos da época.

As cartas dos imigrantes que estamos coletando, as anotações, os depoimentos e a documentação burocrática permitem uma imersão multidisciplinar de potencialidades amplas.

*ABSTRACT: Per mezzo di lettere e altri documenti originali, raccolti dall'autore, si vuole mettere in evidenza la condizione lingüistica, econômica e socioculturale di molti immigrati italiani in Brasile.*

*PAROLE CHIAVE: immigrazione italiana; lingua italiana; dialetto; contatto linguistico; erosione della lingua materna.*

## Bibliografia

CASTELNUOVO, D. F. e RISSO, M. *A mezza parete*. Torino: Einaudi, 1982.

CENNI, F. *Italianos no Brasil*. Livraria Martins Editora, sem data.

ALVIM, Z. *Brava Gente!* São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MEHLER, J. A.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J. *La Babele dell'inconscio*. Milano: Cortina, 1990.

MEDINA, C. *Tchau Itália, Ciao Brasil*. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1993.

GIOVANNETTI, B. *Racconti dal Brasile*. São Paulo: Lemos & Antica Libreria Croce, 2000.

- VERO, J. *Alma estrangeira*. Editora Agora, 2003.
- ALCÂNTARA MACHADO, A. de. *Novelas paulistas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- GHIRARDI, P. G. *Escritores de Língua Italiana em São Paulo*. São Paulo: Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1985.
- LAMBERT, J. *Os dois brasis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- RODRIGUES, E. *Os Anarquistas, trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1984.
- SACCHETTO, J. *Bixiga: pingos nos is*. São Paulo: Sodepro, 2001.
- MORAIS, F. *Corações Sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ROSSI, J. B. P. *O Vellho Rossi*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.
- LODOVICI, O.; CAMPOS, S.; PEREIRA, S. R.R. *História de Arceburgo*. House Editorial, 1993.
- FERES, C. de L. P. *Herdeiros da Fundação, "lavoro" e "famiglia" em São Caetano*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.
- PEREIRA, J. B. B. P. *Italianos no Mundo Rural Paulista*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- PAIVA, O. da C. *Breve História da Hospedaria de Imigrantes e da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2000.
- PIERONI, G. *Vadios e Ciganos Os degredados no Brasil-Colônia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.





*Recuperar um olhar, a determinação, o ser protagonista, a vontade de resgate atrás do Eldorado-Brasil, mesmo que a realidade tivesse demonstrado para a maioria que este Eldorado-Brasil não brilhava tanto assim. Passaram-se 50/100 anos, no caso desta coletividade, 130. A Itália mudou. A região Vêneto é hoje uma das mais atentas à procura de seus descendentes mundo afora. Chegam da Itália alguns jornais, chegam delegações de Trento, à procura de agricultores, de enfermeiros, de operários especializados. “A Itália mudou”, repetem. Os descendentes daqueles primeiros imigrantes ouvem com olhar distante. O Eldorado, como sempre, é do outro lado do Atlântico.*

*Escolhemos esta comunidade porque é uma das mais antigas (década de 1870); todos eles vieram dentro de um projeto relativamente organizado: tinham destinação fixa, pequenos loteamentos a doze quilômetros de Piracicaba – então pequeno povoado; e porque apresentam uma dupla dificuldade de se posicionar em relação às próprias raízes, uma vez que o território de origem, à luz dos resultados bélicos, os deixava austro-húngaros ou italianos, vale dizer, até antes de ontem, esquecidos por todos.*

*Do histórico da imigração conservam bem pouca coisa, um relógio, algumas sementes da primeira colheita e um punhado de fotografias que se estão desfazendo, transformando-se em pó. A fase inicial da colonização, o trabalho no campo, o transporte com carros de boi em estradas intransitáveis pelo barro... Os primeiros resultados, as vitórias, o olhar determinado aparece nos protagonistas daquelas fotos. Depois, vieram os vários ciclos da agricultura. Chegou a cana-de-açúcar que não aceita pequenas propriedades, a mecanização que impõe grandes extensões. Arrendaram a terra. E eles estão lá, ilhados num oceano de cana-de-açúcar, sufocados nos meses de queimada, a doze quilômetros de Piracicaba. Todo dia tomam um ônibus e vão trabalhar na cidade, empregados, funcionários. Economicamente não estão bem. Não estão bem em Piracicaba e se sentiriam inaceitáveis em Trento. Ao observarem as fotos do passado, encontram forças para enfrentar o cotidiano.*

Bruno Giovannetti